CAPÃO PECADO: LITERATURA MARGINAL E HIP HOP COMO VOZES DA PERIFERIA[1]

CAPÃO PECADO: MARGINAL LITERATURE AND HIP HOP AS VOICES FROM THE PERIPHERY

Ewerton Andrade da Silva [2]

Resumo: A obra Capão Pecado, como um produto de um tempo e de um sujeito social concreto, nos possibilita a exploração de um universo riquíssimo: o cotidiano das pessoas na periferia. Sobre esse cotidiano, buscamos destacar alguns pontos mais problemáticos do ponto de vista social, a desassistência do Estado com políticas públicas que busquem melhorar as condições de vida das pessoas nas periferias, com melhores condições de lazer, educação e saúde. No exercício de análise da obra Capão Pecado, mostrou-se necessário contextualizá-la ao lado do movimento Hip Hop, pois, entre as duas expressões artísticas, há uma intertextualidade inerente, ambas expressam o cotidiano periférico e buscam refletir e agir sobre ele. Considerando isso, foi analisada a obra Capão Pecado e o movimento Hip Hop, associando-os como expressões artísticas periféricas. A violência, que é retratada nas expressões artísticas periféricas, me permite analisar o ponto de vista dos sujeitos produtores, sua leitura de mundo, suas demandas. Ao analisar as expressões artísticas periféricas, observo que sua arte, no intuito de ser algo que busca interferir, de alguma maneira, na realidade, de contribuir para mudanças, pode ser pensada em relação com algumas características dos movimentos sociais. Busquei explorar essa relação, desnudando suas proximidades e disparidades, e tentando identificar que tipo de relação se estabelece. O esforço desse artigo foi para analisar as expressões artísticas periféricas, visando identificar as suas preocupações, sua capacidade de leitura de mundo, seu engajamento social, sua clareza e sua atitude.
Palavras-chave: Hip Hop; Literatura Marginal; Movimentos Sociais.

Abstract: The work Capão Pecado, as a product of a time and a concrete social subject, allows us to explore a very rich universe: the daily lives of people in the periphery. On this daily life, we try to highlight some more problematic points from the social point of view, the lack of assistance of the State with public policies that seek to improve the living conditions of people in the peripheries, with better leisure, education and health conditions. In the analysis of the work Capão Pecado, it was necessary to contextualize it alongside the Hip Hop movement, because between the two artistic

[1] Esse artigo deriva da pesquisa realizada para a produção da monografia intitulada "A periferia paulistana na obra literária *Capão Pecado*, de Ferréz (fim do século XX e início do XXI)", orientada pelo Professor Dr. Luiz do Carmo, e defendida no final do segundo semestre de 2019. Algumas das elaborações aqui expostas foram adaptadas da monografia que lhe serviu de base.

[2] Historiador.

expressions there is an inherent intertextuality, both express the peripheral daily life and seek to reflect and act on it. Considering this, the work Capão Pecado and the Hip Hop movement were analyzed, associating them as peripheral artistic expressions. The violence, which is portrayed in the peripheral artistic expressions, allows me to analyze the point of view of the producers, their reading of the world, their demands. When analyzing peripheral artistic expressions, I observe that their art, in order to be something that seeks to interfere, in some way, in reality, contribute to changes, can be thought in relation to some characteristics of social movements. I have tried to explore this relationship, stripping out its proximities and disparities, and trying to identify what kind of relationship is established. The effort of this article was to analyze the peripheral artistic expressions, aiming at identifying their concerns, their ability to read the world, their social engagement, their clarity and their attitude.
Keywords: Hip-Hop; Marginal Literature; Social Movements.

A problemática que instiga este artigo é "por que a produção artística intitulada *Capão Pecado*, tida como literatura marginal, e o Hip Hop, manifestam-se como vozes da periferia?" Mesmo essa questão parecendo ser óbvia, a obra retrata diferentes camadas da vivência periférica, que me dispus a analisar. Busquei refletir sobre o que essas vozes expressam e como expressam, a importância de ouvir as vozes da periferia, e fazê-las ecoar em diferentes espaços é também um dos motivos que levaram à realização desta pesquisa. Outro motivo é que minha experiência como morador da periferia paulistana mostrou que a Arte pode ser um meio de reflexão e conscientização sobre o cotidiano, além de despertar novas perspectivas de vida. A metodologia adotada na realização desta pesquisa foi a análise da obra literária *Capão Pecado* (2000) e de letras de rap. Na intenção de argumentar que as expressões artísticas periféricas, além de expressões culturais, são formas de ação política, meio de intervir na realidade em busca de mudanças, é que, então, realizei uma análise da aproximação entre essas expressões artísticas e a concepção de movimentos sociais.

Diferentes maneiras são encontradas pelas diversas populações para se expressarem artisticamente. E, por certo, a compreensão do cotidiano impacta a maneira como se posiciona, como se entende, e mesmo como se deseja que essa mesma realidade seja, num futuro próximo, no presente, e pode-se, de fato, fazer críticas ao passado.

A condição de morador dos bairros mais distantes dos grandes centros, notadamente, das populações mais desassistidas do ponto de vista do aparelhamento urbano, marca as periferias das cidades. Nessa direção, a percepção da realidade, a expressão de homens e mulheres, moradores dos bairros periféricos, instiga a problematizar a obra *Capão Pecado*, de Ferrez, sempre em diálogo com alguns dos seus interlocutores mais próximos. Para este exercício reflexivo, destaco o Hip Hop, no intuito de, com ele, analisar a proposta de intertextualidade que a obra mantém. Ao escolher a arte como campo de análise, sigo os pressupostos de António Candido, ao pensar o sentido social da arte:

> "A arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte". (CÂNDIDO. 2006, p. 30)

Destaco, nas palavras do autor, que a arte é social, pode ser sim concatenada com diálogos diversos que remetem às dinâmicas mais próximas, sem deixar de ser arte, sem deixar de ser uma construção elaborada, mas sendo sempre um diálogo. Assim, é por meio da análise das expressões artísticas periféricas que se pode observar o seu sentido social. Para melhor compreender a obra e a problemática suscitada, é necessária uma breve apresentação biográfica do autor.

O autor, em questão, Férrez, é o pseudônimo de Reginaldo Ferreira da Silva, nascido em 1975, na cidade de São Paulo, morador do bairro Capão Redondo, bairro normalmente entendido como parte da periferia localizada na zona sul da cidade. Ferrez era um jovem preto de 24 anos, que, como muitos outros, naquele momento, encontrava-se em situação de desemprego, quando escreve *Capão Pecado* (2000). A produção do livro, que o lançara como escritor reconhecido, marcou Ferréz, que é filho de migrantes do nordeste do país, trabalhadores que se viram forçados a buscar melhores condições de vida na cidade grande, e que, na chegada, são obrigados, pelas condições econômicas, e pela dinâmica de exclusão imobiliária, a morar em bairros distante do centro urbano.

De forma mais direta, em entrevista ao canal 247, no *site Youtube*, o escritor Ferrez comenta sobre seu contato com literatura. Nas considerações do autor, seu primeiro contato foi com a literatura popular, enquanto ainda criança, pois sua mãe escrevia poemas em panos de pratos, e seu pai lia cordéis. Quando tinha aproximadamente 12 anos, Ferréz relata ter ganhado de um amigo um livro que o mudou:

> "Eu descobri essa literatura através de um livro de um amigo meu dentro de uma favela de jangadeiro ele estava pra joga uns livros fora, ele falou: "Quer escolher uns livros? Minha mãe me abandou aqui com esses livros"; e um dos livros era *Demian* do Hermann Hesse, [...] aí o livro me transformou em um em um leitor, não é nem em um escritor".[3]

Com esse relato, o autor narra que o seu contato com a literatura, que o marcou, veio por meio de um presente de um amigo. Destaca-se que Hermann Hesse é um autor de cunho critico, e, claro, a leitura de sua produção, a maneira como leu e compreendeu aquelas expressões artísticas, os diálogos daquele autor, o influenciaram. O autor Ferréz, a partir desse momento, se torna um leitor ávido, lendo livro

[3] TV 247 - Entrevista com o escritor Ferréz. 2017. 1 vídeo (55 min). Publicado pelo canal TV 247. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CbGyYsXihLo&t=438s. Acesso em: 13 set. 2019.

de todo tipo, diz ter chegado até a ler livro sobre ufologia e construção de navios, e explica isso por ter que ser um formulador de seu próprio modo de dialogar com os autores e suas produções, por ser um autodidata. Segundo Ferréz a escola pública, institucionalizada, quando presente na periferia, sofre por diversos motivos, e sua vida escolar, nesse contexto, teria sido regular, embora diga ter encontrado mais estímulo fora dela. Mesmo assim o autor também relata sobre professores que o marcaram e o incentivaram.

Ferrez cresceu e foi conciliando seu interesse literário com a necessidade de trabalhar, foi desenvolvendo sua escrita ao escrever poemas. Num outro momento, em entrevista ao Programa do Jô Soares, nos conta um pouco sobre sua vida no mundo do trabalho:

> "Eu era balconista, trabalhei em metalúrgica também, trabalhei em vários bicos, fiz pintura, fiz de tudo, mas fui fracassado em todas as profissões, totalmente fracassado assim: tudo que eu fazia eu juntava pedaço de texto e guardava, ai os patrões via e falava: "Ó esse cara tá fazendo poesia pô, vamos trabalha" ai eu falava: "Mano eu num sei cara..."; eu só tenho a arte assim na minha cabeça, entendeu? Então eu tive que ser radical, ou eu fui fazer isso mesmo ou eu não vou fazer mais nada. [...] Deixa eu te fala uma coisa, eu to cansado de trabalha pros outros por miséria tá ligado? Porque no final você não consegue junta um dinheiro que é o certo pra você sobreviver, a parada nunca vem, então eu falei: "Eu vou ter que evoluir de um jeito ou de outro"; e ninguém botava fé, escritor ainda né meu, ninguém botava fé, os cara [falava]: "O cara é louco vai fazer livro?!"; meu pai quantas vezes falou pra mim: " Meu filho isso ai não vai da nada, você já tem mais de mil quadrinhos, tem mais quinhentos livros e não tá dando em nada" tal, eu falava: "Não pai, eu vou força" e tal e tal, ele falava: "Estudo é o caminho, então vai né"; até que ele falou "então vai" e graças a Deus né mano, tá dando certo".[4]

A longa referência da citação aponta para a complexa condição de uma trajetória comum de jovens de famílias trabalhadoras da sociedade brasileira. A pressão pelo recurso para somar com as condições materiais em casa, e os desejos, os sonhos, sendo artísticos, como no caso aqui, mas pode se pensar em outras situações, não de se enriquecer, mas propriamente de fazer algo que lhe dê prazer em viver com aquela produção.

As palavras do Ferrez apontam, no trecho supracitado, para a condição vivida aos 24 anos, e mostra sua convicção, ao buscar melhores condições de vida. Oriunda da classe trabalhadora, a história de Ferréz e sua experiência se cruzam com a de muitos moradores da periferia, em semelhanças e disparidades, e sobre essa vivência periférica, sua experiência, seu cotidiano e seus dilemas e dificuldades constituem componentes da matéria-prima da obra.

Retomando as considerações de Antônio Candido, citado anteriormente, quando propõe que a arte é um diálogo

[4] FERRÉZ no Jô Soares. 2013. 1 vídeo (9 min). Publicado pelo canal Reginaldo Ferreira. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SCb3oIpfOxM. Acesso em: 13 set. 2019.

social, e, ao mesmo tempo, aventa graus diversos de sublimação, aliadas às observações contidas na entrevista de Ferrez ao Jô Soares, rica em elementos de sua vivência, *Capão Pecado* (2000) pode ser lida como um documento histórico, com precauções, e ciente de todas as especificidades, por se tratar de uma obra de arte, contudo, ainda é fruto de uma época e de sujeitos sociais, é uma representação do passado.

Por sua vez, do ponto de vista das possibilidades que se apresentaram ao autor, após a publicação, encontra-se o fato de que Ferréz seguiu novas empreitadas, tais como: foi conselheiro editorial do Jornal *Le Monde Brasil*; trabalhou na TV Cultura, no Programa Manos e Minas; escreveu roteiros para séries de TV 9MM e para Cidade dos Homens; no cinema, ajudou a escrever o roteiro para o filme *Bróder*.

A maneira de ver, de ler obras, e, por certo, a de propor diálogos sociais importantes, abriu portas ao autor. Somando-se a isso, encontram-se outros elementos na vida de Ferrez, como a face de luta por melhores condições sociais, e como militante, em prol de melhores condições para moradores da periferia, criou uma ONG no bairro Capão Redondo, para crianças, que se empenha em ajudar com alimentação, educação, lazer e cultura. Iniciou um canal no Youtube, em que lança vídeos com frequência, de temas que variam de literatura e HQ´s à conjuntura política do país. Nos vídeos se posiciona fortemente contra a onda neofascista, que se alastrou nos últimos anos, e elegeu um presidente de extrema direita.

Dos anos 2000 para os dias atuais, o autor passou de um jovem em situação de desemprego para um escritor respeitado, militante político com pensamento à esquerda, empreendedor e fomentador da cultura na periferia. Férrez e sua produção parecem ter sido muito influenciados pelo movimento Hip Hop. Antes de prosseguir com a análise, faz-se necessária uma explicação breve sobre o que é o movimento Hip Hop e sua importância como voz da periferia.

O movimento Hip Hop surgiu nos Estados Unidos da América, na cidade de Nova York, mais especificamente, no bairro do Bronx, na segunda metade do século XX, entre o final da década de 60 e começo da de 70. Surgiu em um bairro predominantemente preto, em um contexto de crise social, com o racismo escancarado daquele país. O movimento surgiu como uma forma de protesto, em que a juventude preta podia manifestar suas insatisfações com o contexto da sociedade.

> "Um dos responsáveis pelo surgimento do Hip Hop foi o DJ Afrika Bambaataa, que unia negros, jovens excluídos e pobres desfavorecidos. Bambaataa idealizou os elementos do Hip Hop nas manifestações da dança – o Break, das artes visuais – o Graffiti e da música – o DJ e o MC, que formam o Rap, abreviação de Rhythm and Poetry (ritmo e poesia).
> Para ele, esses elementos fazem parte do mesmo universo cultural devido ao caráter de protesto, afinal, o objetivo era sempre demonstrar inconformismo com a estrutura social do país. Nesse sentido, conforme as entrevistas realizadas pela escritora Mariane Lemos

> Lourenço, conclui-se que o Hip Hop é um movimento social de juventude, marcado por atitude, pela contestação e por conflitos nas relações de poder, tornando-se em voz da periferia, cultura de rua e filosofia ou estilo de vida, além de ser Arte e Cultura, a "Arte dos Excluídos."(NEVES, 2009 p. 36).

Em São Paulo o movimento Hip Hop começa na década de 80. No início os jovens, em sua maioria, pretos, iam se reunir na estação de metrô São Bento e Praça Roosevelt para dançar Break. Por sua vez, lá encontravam com a truculência da polícia, que os reprimia no local. Esse constante conflito com a polícia, desde o início do movimento, demonstra o racismo dos agentes do Estado, por consequência, do próprio Estado. E, mesmo com a perseguição, o movimento cresceu e espelhou-se por, praticamente, todas as periferias do Brasil.

O Hip Hop é constituído pelos elementos idealizados pelo DJ Afrika Bambaataa: Break, Graffiti, DJ e MC; e, posteriormente, desenvolvidos pelo próprio decorrer do movimento. Andreia Moassab descreve os elementos e destaca outra característica do Hip Hop: a "consciência".

> "A expressão cultural e artística está presente em várias manifestações: (1) no break, dança dos b-boys e bgirls; (2) nas pinturas urbanas do graffiti; (3) no canto falado do rap (rythmand poetry), entoado pelos MCs – mestres de cerimônia, na prática o cantor ou o responsável pelo comando da festa, (4) com base nas batidas ritmadas fornecida pelos DJs; e (5) a chamada "consciência" ou "atitude", que é o modo pelo qual os integrantes do Hip Hop se posicionam diante do grupo e frente à sociedade, isto é, o seu comprometimento social. Sem estes cinco pilares em conjunto não se pode falar em Hip Hop". (2008, p. 50).

Uma arte. Uma expressão marcada pela conscientização, ora, se é um diálogo em que a consciência de ser, de estar no mundo, se expresse por meio da dança, do grafite, do canto falado, da construção ritmada, – sempre em diálogo com o compromisso, com o posicionamento social, tem-se que essa marca do Hip Hop, de ser uma forma de contestação da ordem estabelecida, de expressar as mazelas pelas quais a população de baixa renda passa, de expressar os conflitos na sociedade decorrente do racismo.

Pode se inferir que a apresentação da trajetória do autor, as suas narrativas, nas entrevistas no Canal 247, e, no Programa do Jô Soares, expressam elementos que aproximam as disposições do movimento Hip Hop, que chega ao Brasil, das posições sociais do autor Ferréz. E este se considera incluído e pertencente ao movimento, sua "consciência" ou "atitude" vão ao encontro dos objetivos e valores do Hip Hop, luta contra a desigualdade social e o racismo. Podemos dizer que o Hip Hop e a literatura marginal são expressões artísticas nascidas da violência cotidiana a que estava submetida a população periférica, onde destaca-se a violência policial contra essa camada da população, em especial, a população preta, o crescimento do crime dentro da periferia, os assassinatos, a desigualdade social, o tráfico. Isso tudo em ebulição, em meados dos anos 90, e começo dos anos 2000, fez o rap transformar-se em um fenômeno

nacional, já que, muito do que acontecia na periferia de São Paulo, acontecia também em outras regiões do Brasil. Mais do que uma intertextualidade entre a obra *Capão Pecado* e o movimento Hip Hop, há um alinhamento político e ideológico entre ambos.

A produção literária *Capão Pecado* tem como seu palco o bairro do autor Capão Redondo, espaço da cidade de São Paulo, que, no ano de 1996, foi considerado o bairro mais violento da cidade, "ocupa o topo da lista das dez delegacias com maior número de homicídios em São Paulo. Foram 233 casos"[5], e é esse cotidiano, com alto índice de violência, que a obra retrata. Para o autor, escrever o livro foi "como se tivesse colocado uma câmera ali, e tivesse analisando a vida das pessoas aos poucos, é um diário do cotidiano." [6] O livro se insere nesse contexto dos anos 90's, junto com o autor e sua posição social, uma aparente busca, uma ressignificação para a compreensão do que se passava nas vidas das pessoas, por meio da arte, processando uma nova leitura do termo literatura marginal.

Na história brasileira, o termo literatura marginal tem sua origem na década de 1970, quando foi usado para designar escritores que estavam às margens das principais publicações da época, escritores que não encontravam meios para publicar suas obras em editoras. Nesse momento a maioria desses escritores era pertencente à classe média, sua escrita buscava romper com os cânones, os padrões e os estilos literários de sua época. Porém, como a história ensina, os homens e mulheres mudam, as coisas mudam, mas alguns nomes se mantêm e representam novas coisas. Nesse caso, ao usar o termo literatura marginal, este se refere a algo diferente do seu sentido inicial, podendo, assim, dizer que o *marginal,* adjetivo da literatura que estamos tratando, refere-se, para identificar seus produtores, pois estão marginalizados na sociedade brasileira, e estes recuperam o termo literatura marginal como forma de protestar contra isso e ressignificar a expressão. Segundo Ferrez:

> "A literatura marginal surgiu basicamente quando eu estava escrevendo Capão Pecado, porque eu pensei assim: eu vou lançar o livro, eu vou fazer o livro mesmo que seja só aqui na comunidade; porque eu não tinha essa ideia que o livro fosse chegar em outros lugares, mas eu pensei que o livro ia chega na comunidade e ia ter que ter um movimento também para trazer outros escritores, a gente sempre pensou nessa parte coletiva, tanto que é difícil até eu falar: eu; eu sempre falo: a gente, nós. Então a literatura marginal surgiu com essa ideia. Era um nome que as pessoas usavam para ofender os escritores, então os jornalistas colocavam lá: "o escritor da literatura marginal" "o João António" "ao escritor tal". Então os cara citava os escritores e menosprezava, até o Lima Barreto, hoje é um cara que

[5] GODOY, Marcelo. Capão Redondo foi o bairro com mais homicídios em 96. Folha de S. Paulo, São Paulo, 30 jan. 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/1/30/cotidiano/14.html> Acesso em: 24 nov. 2018

[6] FERRÉZ no Jô Soares. 2013. 1 vídeo (9 min). Publicado pelo canal Reginaldo Ferreira. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SCb3oIpfOxM. Acesso em: 13 set. 2019.

> está saindo algumas obras dele mas na época [dele] era muito difícil, e as pessoas chamavam de literatura marginal, muitos jornalista pendenciam para esse lado, e eu pensei: se a gente pegou o nome periferia, favela, gueto e fez as pessoas terem orgulho desse nome por que não pegar um nome como literatura marginal?[7]"

Talvez possa se falar numa "Nova Literatura Marginal", que difere daquela produção dos anos de 1970, como informado anteriormente, e, possa se acrescentar, ainda, que as considerações do autor Ferrez apontam para uma revisão da trajetória percorrida pela sua produção, de forma bastante otimista, mas sintonizada com um grande número de outros movimentos artísticos que impactaram as produções.

Os anos noventa foram anos de grande efervescência das produções culturais periféricas. Com a democratização, a visibilidade das produções artísticas periféricas começou a ganhar destaque, o Hip Hop e a literatura feita por pessoas da periferia começam a ter um alcance social maior, ganhando espaço onde antes não tinham, exemplos notórios desse alcance são as repercussões das obras literárias, tais como: *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins; Capão Pecado (2000), de Ferréz, e, no Hip Hop, temos como exemplo as obras *Holocausto Urbano* (1990), *Raio X Brasil* (1993), *Sobrevivendo no Inferno* (1997), álbuns do grupo de rap Racionais MC's, entres outros. Há que se considerar que essas obras artísticas não são produções que ficam isoladas, restritas apenas ao universo de intelectuais que as consomem sem capilaridade social. Há um movimento de compra dessas produções, há um consumo, mesmo no interior dos grupos populacionais mais desprovidos de recursos econômicos.

A materialidade de uma expressiva produção artística "Marginal" é acompanhada de um consumo, e com esse crescimento, suas demandas artísticas, marcadas pelo engajamento, pela consciência ou pela atitude. Como expressa Andreia Moassab, há um sem número de denúncias das barbaridades que aconteciam e continuam acontecendo nos bairros pobres, sempre por meio da construção, do diálogo marcado pela representação artística, mas não como mera ilustração, e sim como uma arte engajada politicamente.

Dentre alguns aspectos da realidade vivida por muitos nas periferias dos grandes centros, e presentes na construção artística de diversas expressões a serem destacadas, há o desafio de se enfrentar o genocídio da população preta, que, diariamente, é assassinada pela polícia militar; há ainda a denúncia da pobreza e as péssimas condições de vida dos que estão marginalizados do acesso à saúde, à educação e a empregos com salários dignos. Esses são alguns dos elementos que marcam o contexto ao qual a obra pertence, de forma que, na monografia que serviu de base para esse artigo, exploro melhor a década de noventa e o começo de 2000, além do bairro Capão Redondo. Para esse

[7] LITERATURA e Resistência - DOC (2/3). 2017. 1 vídeo (23 min). Publicado pelo canal Arquivo Ferréz - Vídeos Antigos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=F1IYDQ3KwGE&t=525s. Acesso em: 13 set. 2019.

artigo, ademais, busco focalizar na proximidade entre as produções artísticas da periferia, as várias artes e suas preocupações, sua capacidade de leitura do mundo, seu engajamento social, sua clareza e sua atitude.

As expressões artísticas da periferia têm com o conceito de movimentos sociais uma relação importante para se analisar. Segundo Gohn:

> "Definições já clássicas sobre os movimentos sociais citam como suas características básicas o seguinte: possuem identidade, têm opositor e articulam ou fundamentam-se em um projeto de vida e de sociedade. Historicamente, observa-se que têm contribuído para organizar e conscientizar a sociedade; apresentam conjuntos de demandas via práticas de pressão/mobilização; têm certa continuidade e permanência. [...] Lutam contra a exclusão, por novas culturas políticas de inclusão. Lutam pelo reconhecimento da diversidade cultural." (GOHN, 2011, p. 336).

Ao analisar a "Literatura Marginal" e o Hip Hop, sob a perspectiva de Gohn, pode-se associá-los com as características básicas das disposições sociais de transformação, da busca pela conscientização dos agentes próximos e também dos distantes, marcando, assim, elementos que parecem se aproximar do que se conhece como os movimentos sociais, começando com a identidade, que está presente, pois, como dito antes, essas expressões artísticas são produzidas por sujeitos moradores das regiões periféricas, e estes se reconhecem como pertencentes a um grupo, reconhecem como partilhando da mesma vivência, reconhecem-se como pobres, periféricos/as, pretos/as. Vale lembrar que não se deve cair em uma questão de identitarismo, uma vez que essa identidade dos sujeitos participantes é vista como um reconhecimento de sua posição em uma estrutura social, e não algo inerente e imutável aos sujeitos, lembrando que o cerne da questão é sempre mudar as estruturas sociais, combater as injustiças sociais, o extermínio de jovens moradores desses bairros.

De modo mais geral, pode-se pontuar que os opositores reconhecidos pelas expressões artísticas periféricas são expressos nas obras de diversas maneiras, tais como: os grupos de jovens tidos como os *playboy's*; a própria noção de burgueses ou Sistema econômico, o sistema político, dentre outros que enquadram e buscam uma conduta única numa sociedade diversa. Nas produções artísticas, essas formas de identificar esses opositores alternam em um opositor concreto e um abstrato, o concreto: o *playboy* ou o indivíduo da classe dominante com a qual os sujeitos periféricos se relacionam de alguma maneira mais concreta, seja na relação de empregado e empregador ou alguma outra. Por sua vez, o opositor abstrato: os Sistemas, reconhecidos, para além dos sujeitos da classe dominante, entendidos como a natureza das relações sociais, que mantêm a opressão de uma classe sobre a outra, em outra escala, de um grupo social sobre outro.

Por fim, pode-se pontuar que, sobre a característica de articularem ou fundamentarem-se em um projeto de vida e de sociedade, a Literatura Marginal e o Hip Hop situam-se

em projetos de sociedade com fundamentos, compreensões sociais, porém, por suas complexidades, não são homogêneos, e acabam expressando posições e mesmo projetos variados, de moderados a radicais. Nessa direção, pode-se apontar que, por exemplo, as obras artísticas expressam projetos que vão desde uma social democracia, dentro dos limites do capitalismo, buscando, por assim dizer, uma melhor forma de administrar o capital, promovendo melhores condições de vida à população pobre, até projetos que buscam romper com ordem do capital, como o anarquismo e o comunismo, e promover uma emancipação humana, com o fim de todas as formas de exploração e opressão.

As expressões artísticas periféricas têm contribuído para a organização da sociedade de muitas maneiras, uma delas é contribuir para a valorização da cultura afro-brasileira, fortalecendo, diretamente, o movimento negro. Vê-se, assim, mais uma demonstração da arte como ação política e social, o que também demostra a ação de conscientizar a sociedade que as expressões artísticas periféricas realizam. O livro de Ferrez, *Capão Pecado*, ao representar elementos de uma realidade, oferece ao leitor uma reflexão sobre o cotidiano e estimula a conscientização sobre problemas sociais. Pode-se observar isso, ao ler um trecho do romance:

> "Rael fechou os olhos e tentou orar, mas não conseguiu. Ele viu tudo errado, o pai que degolou o filho em um momento de loucura química, a mãe que fugiu e deixou três filhos, a grande manipulação da mídia que elege e derruba quem quer, a forte pressão psicológica imposta pela família, o preconceito racial, o pastor que em três anos ficou rico, o vereador que se elegeu e não voltou para dar satisfação, o dono de banco que recebe ajuda do governo e tem um helicóptero, os empresários coniventes, covardes, que vivem da miséria alheia, a mulher grávida que reside no quarto de empregada, o senhor que devia estar aposentado e arrasta carroça, concorrendo no trânsito com carros importados que são pilotados por parasitas, o operário da fábrica que chegou atrasado e é esculachado, o balconista que subiu de cargo e perdeu a humildade, o motorista armado, o falso artista que não faz porra nenhuma e é um viado egocêntrico e milionário, o sangue de Zumbi que hoje não é honrado". (2000, p. 72).

Uma produção artística como poucas, a obra propõe um diálogo claro com vivências e disposições sociais, em linhas gerais, enfrentando o processo de desumanização das pessoas. Há diversas referências às mudanças comportamentais em função do dinheiro; há, ainda, elementos morais, e mesmo sinalização religiosa. Mas, há, além da conscientização dos problemas sociais que o autor evoca, elementos que dialogam com uma consciência de classe, ao refletir nitidamente sobre os contrastes entre ricos e pobres, em que o primeiro é visto como uma "parasita".

Em outra passagem, Ferrez, em diálogo com sua leitura da realidade, com sua capacidade artística, escreve sobre os pensamentos de um personagem "O homem sabe que alguns poucos homens mandam no resto dos outros homens, o homem conversava com sua própria consciência"

(FERREZ, 2000, p. 84). Por meio dessa formulação, o autor, ao expressar a consciência de classe em uma obra artística, convida o leitor a refletir sobre seu posicionamento no mundo. Por certo que as pessoas conhecem e dialogam com as desigualdades, com as demarcações sociais, de forma dura e cotidiana. A maneira artística com que a produção periférica concebe e disponibiliza suas narrativas, seja pela sua forma de ser, de dançar, de cantar, – conversando, encerram elementos de diálogos próximos, de formulações sociais em que as pessoas se reconhecem, se conscientizam e podem combinar experiência com reflexão.

Outra similaridade com os movimentos sociais, possível de se apontar, é a de que as expressões artísticas periféricas apresentam conjuntos de demandas, por meio de letras de protestos do rap e literatura, demandas por melhores condições de moradia, educação, emprego, igualdade racial, pelo fim da repressão e violência policial, que realizam um genocídio sistemático da população preta periférica. Encontramos, nas obras artísticas, diversas representações desses episódios de violência por parte da polícia. Em *Capão Pecado*, lê-se:

> "Combinaram de ir ao baile da News Black Chic, lá no pátio da escola José Olímpio; o som da equipe era muito bom e vinha gente lá do Valo Velho, Piraporinha, Jardim Ingá, Pirajussara, Morro do S, Parque Regina, Parque Arariba, São Luís, Buraco do Sapo, Parque Fernanda e de várias quebradas, pois os bailes e roles noturnos eram cada vez mais raros na periferia. Todo baile que surgia não passava de duas semanas e acabava, ou era por causa de morte ou por causa dos policiais. Inclusive na Cohab tinha um som em frente ao bar do Quitos, tinha noite que chegava a ter mais de 2 mil pessoas curtindo o baile, o som já tinha mais de anos e era muito difícil sair alguma confusão, até que numa sexta-feira, quando o som estava lotado, uma viatura da Rota veio em toda velocidade e partiu pro meio do povão, sem mais nem menos. Mais de dez pessoas foram atropeladas e muitas acabaram com contusões, pois foram pisoteadas na correria. O Quitos, que era dono do bar, e os vizinhos ligaram pra polícia; chegaram várias viaturas, mas os tenentes acabaram sendo coniventes, e até hoje não deu em nada, só resultou no fim do baile". (2000, p. 34).

Nesse trecho da obra, observa-se a organização da população da periferia, em seu momento de lazer, um lazer que ocorre na rua como ponto de encontro e socialização. A ação policial retratada na obra *Capão Pecado* poderia ser lida em uma matéria de jornal, sendo tamanha a proximidade com a realidade. As festas e bailes de ruas, em regiões periféricas, continuam sofrendo com a truculência da polícia. Recentemente, em primeiro de dezembro de 2019, ocorreu o caso do baile *funk*, em Paraisópolis, onde nove pessoas morreram pisoteadas após ação policial violenta, com bombas e disparos contra a multidão.[8]

[8] STABILE, Arthur; CRUZ, Maria Teresa. *Como foi o massacre em Paraisópolis*: o que se sabe até agora. Ponte. 12 de dezembro de 2019. Disponível em: < https://ponte.org/o-que-se-sabe-do-massacre-de-paraispolis/ > Acesso em 17 jul. 2020

Outro exemplo da violência policial é a letra de rap do grupo Racionais mc's:

> "Então quando o dia escurece
> Só quem é de lá sabe o que acontece
> Ao que me parece prevalece a ignorância
> E nós estamos sós
> Ninguém quer ouvir a nossa voz
> Cheia de razões calibres em punho
> Dificilmente um testemunho vai aparecer
> E pode crer a verdade se omite
> Pois quem garante o meu dia seguinte
>
> Justiceiros são chamados por eles mesmos
> Matam humilham e dão tiros a esmo
> E a polícia não demonstra sequer vontade
> De resolver ou apurar a verdade
> Pois simplesmente é conveniente
> E por que ajudariam se eles os julgam delinquentes
> E as ocorrências prosseguem sem problema nenhum
> Continua-se o pânico na Zona Sul."
> (RACIONAIS mc's, 1993, *Pânico na Zona Sul*).

No trecho da música citada, observa-se a expressão da violência a que a população periférica está submetida. Desde os anos oitenta, ocorrem chacinas por grupos de extermínios, sendo que investigações apontaram muitas delas como realizadas por grupos de policiais. Segundo o *site* jornalístico *Ponte*:

> "As dez maiores chacinas registradas no estado de São Paulo tiveram a participação de policiais militares ou de ex-policiais militares. O caso mais recente teve repercussão mundial e ocorreu em agosto de 2015 nas cidades de Osasco, Barueri, Carapicuíba e Itapevi, na Grande São Paulo. Dezessete pessoas foram mortas a tiros [além de outras seis pessoas mortas no que ficou conhecido como "pré-chacina"]".[9]

A arte pode ser uma forma de chamar atenção da sociedade para esses crimes, que vêm ocorrendo sistematicamente, ano após ano, uma guerra contra a população periférica, que a sociedade naturalizou. Alguns estudiosos chamam esse processo de necropolítica. Na obra *Capão Pecado*, esses acontecimentos também são representados:

> "Pássaro, Ceará, Naná e Dinas tinham dado entrada no Instituto Médico Legal às seis horas da tarde, deram muito trabalho para os médicos. Resolveram não tirar todas as balas, já haviam tirado mais de cinquenta e precisavam dar baixa em mais três que tinham vindo do Capão também. Foi uma das maiores chacinas da região, saiu nos jornais de manhã e entrou na estatística à noite." (FERRÉZ. 2000, p. 163).

As representações da realidade, contidas nas obras artísticas, demonstram sua leitura do mundo, apontam as suas demandas, denunciam as barbaridades que ocorrem nos bairros pobres. Elas são as vozes da periferia dialogando

[9] JOZINO, Josmar. Dez maiores chacinas de SP tiveram participação de PMs. Ponte. 10 de março de 2018. Disponível em:< https://ponte.org/dez-maiores-chacinas-de-sp-tiveram-participacao-de-pms/#:~:text=O%20CPChoque%20tem%20um%20hist%C3%B3rico,saldo%20de%20111%20detentos%20mortos. > acesso em 17 jul. 2020

entre si e com o mundo a sua volta. Elas são a expressão da consciência de sujeitos concretos.

Uma diferença entre as expressões artísticas periféricas e movimentos sociais é a questão da continuidade e permanência. Ferréz, assim como muitos outros, continua engajado na militância por melhores condições de vida da população negra, mas, pelo fato dessa militância ser objetivada no fazer artístico, sendo, então, algo pulverizado na sociedade, não é um movimento centralizado, estruturado como um partido, coletivo ou algo do tipo, pode-se, ao mesmo tempo, afirmar e negar a continuidade/permanência. Por um lado, as expressões artísticas periféricas continuam e se fortalecem cada vez mais, como forma de protesto e de luta, mas, ao mesmo tempo, não podemos falar que isso acontece de forma coordenada, que segue uma continuidade linear. Dentro da permanência das expressões artísticas periféricas, há múltiplos sujeitos envolvidos, que, por vezes, não articulam diretamente entre si, sendo muito mais o elo ideológico que os une, pois continuam a lutar pelo fim da exclusão social, por novas políticas de inclusão e pelo reconhecimento da diversidade cultural.

Para concluir, com argumentação até aqui defendida, pode-se dizer que as expressões artísticas periféricas podem ser percebidas como um meio para os movimentos sociais se realizarem, isto é, se manifestarem cotidianamente, pois as expressões artísticas periféricas são arte politicamente engajada, são manifestações culturais que expressam uma ideologia. Esta ideologia, por sua vez, busca combater uma ideologia hegemônica; expressa uma leitura do mundo, expressa uma consciência e tenciona mudar o estado atual da sociedade, ao ser voz da periferia, que ecoa e exige mudança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

FERRÉZ. *Capão pecado*. São Paulo: Labortexto, 2000.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais a contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16 n. 47 maio-ago. 2011.

GODOY, Marcelo. Capão Redondo foi o bairro com mais homicídios em 96. *Folha de S. Paulo,* São Paulo, 30 jan. 1997. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/1/30/cotidiano/14.html. Acesso em: 24 nov. 2018.

JOZINO, Josmar. Dez maiores chacinas de SP tiveram participação de PMs. *Ponte*. 10 de março de 2018. Disponível em:https://ponte.org/dez-maiores-chacinas-de-sp-tiveram-participacaodepms/#:~:text=O%20CPChoque%20tem%20um%20hist%C3%B3rico,saldo%20de%20111%20detentos%20mortos. Acesso em 17 jul. 2020.

LOURENÇO, Mariane Lemos. *Cultura, Arte, Política & o Movimento Hip Hop.* Curitiba: Editora Chain, 2002.

MOASSAB, Andreia. *A comunicação insurgente do hip hop*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2008.

NEVES, Mirian Lago Silva. *Hip Hop na escola:* Diálogo entre música dança e artes visuais. Paraná: Universidade Estadual de Maringá, 2009.

STABILE, Arthur; CRUZ, Maria Teresa. Como foi o massacre em Paraisópolis: o que se sabe até agora. *Ponte*. 12 de dezembro de 2019. Disponível em: https://ponte.org/o-que-se-sabe-do-massacre-de-paraispolis/ . Acesso em 17 jul. 2020.

VÍDEOS:

FERRÉZ no Jô Soares. 2013. 1 vídeo (9 min). Publicado pelo canal Reginaldo Ferreira. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SCb3oIpfOxM. Acesso em: 13 set. 2019.

LITERATURA e Resistência - DOC (2/3). 2017. 1 vídeo (23 min). Publicado pelo canal Arquivo Ferréz - Vídeos Antigos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=F1IYDQ3KwGE&t=525s. Acesso em: 13 set. 2019.

PÂNICO na Zona Sul. Racionais MC's, 2015. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal TV 247 - Entrevista com o escritor Ferréz. 2017. 1 vídeo (55 min). Publicado pelo canal TV 247. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CbGyYsXihLo&t=438s. Acesso em: 13 set. 2019.